



OS THEATROS

JORNAL de CRITICA

LUCINDA SIMÕES ANNA PEREIRA

Lisboa 7 de Novembro de 1895

R.45



LUCINDA SIMÕES

O talento excepcional d'esta actriz, dá-lhe o incontestavel direito de figurar no logar de honra da nossa modesta publicação. Artista de raça, possui como nenhuma a verdadeira sciencia do metier.

Trabalhando ao lado d'um artista d'elite, que o publico e a imprensa ingratamente parece ter esquecido, - Furtado Coelho - tornou-se notavel em varias peças, como: The-reza Raquin, Demi Monde, Dalyla, Lenço Branco, Vida d'um rapaz pobre e outras.

O bello periodico hespanhol Ilustracion Iberica em 1883, dizia d'esta eminente actriz o seguinte:

«Rival de la Marini, de la Sarah Bernhardt, de las actrices mas eminentes de Europa, las supera á todas en naturalidad, en acierto para identificar-se con los personajes que representa. Sólo hubiera podido hombrear-se com ella (á pesar de ser mujer tambien) Matilde Diez, ya difunta por disgracia para el arte español, y que sino la aventajaba, la igualaba al menos.»

Consola ver estranhos fazerem elogios a um talento, que é uma gloria nacional, e que mesquinhas invejas pretenderam aniquillar.

Ainda não ha muito, tivemos occasião de vel-a em D. Maria em dois papeis de grande responsabilidade, brilhar como astro de primeira grandeza; e se houve quem não sympathisasse com o seu trabalho, pela indole ingrata dos personagens, não ha comtudo quem se atreva a apontar-lhe defeitos.

Lamentamos que incompatibilidades, alheias a nosso ver, ao dominio da critica, obrigassem uma artista da estatura de Lucinda Simões, a sair do nosso primeiro theatro, onde ao lado de Brazão e Rosas poderia porporcionar muitas noites de gloria ao palco do normal. Se lamentamos não ver esta artista no nosso primeiro theatro, não lamentamos menos, não ver alli figurar uma outra artista de superior talento «Anna Pereira.»

E' de toda a justiça que na febre de enaltecer elogios ao merecimento d'um actor, aliás distinctissimo, que ora nos visita, nos não esqueçamos que de bom temos cá por casa.

Fazemos ardentes votos para que a tentativa de Lucinda, na rua dos Condes, seja coroada do melhor exito. Ha tudo a esperar do talento, fino gosto e *savoir faire* d'esta eminente actriz.

C. A.



E' de uso todas as publicações fazerem no seu primeiro numero um extenso programma, porém nós, achamos desnecessario fazel-o para a nossa publicação, porque não nos incommoda que as doutrinas expendidas n'ella agradem ou desagradem, pois temos uma só lei — a consciencia, e como tal declaramos que não aceitam bilhetes das empresas exploradoras de theatros.

D. MARIA

HENRIQUE III E A SUA CORTE

E' para mim deveras penoso, n'esta occasião, ter que escrever desassombradamente as impressões que me deixou esta premiere.

Que fatal sestro peza sobre todas as nossas coisas, nas occasiões mais criticas!

Quando por dever de dignidade, devemos mostrar que valem alguma coisa, parece que proposadamente se influe no animo de todos mostrar que somos menos do que realmente somos.

Na occasião que todos incensam um actor estrangeiro como o Deus unico do theatro, é que a empresa de D. Maria se lembra de pôr em scena uma peça que não nos pode dar um trabalho digno de qualquer dos principaes artistas que se encarregaram de a desempenhar.

Quando parte dos criticos, e do publico se esquecem do valor dos nossos actores, para só applaudirem um estrangeiro, é que os actores de D. Maria não procuraram uma peça na qual os seus talentos podessem fulgurar em creações dignas dos seus louros tão honrosamente conquistados, uma peça enfim que mostrasse de que rija tempera é a sua compleição artistica.

Dirão os scepticos: é a fatalidade a presequir-nos.

Mas contra a fatalidade ha o esforço, a boa vontade e talento do homem.

Pois, que necessidade havia de pôr em scena uma peça que não tem outro fim, senão mostrar que os societarios d'este theatro são ricos?

Vale mais, na minha opinião, havendo dignidade artistica, uma minima parcella de talento que um montão d'ouro.

Mas vamos á peça e ao desempenho.

Conhecia ainda que superficialmente o assumpto d'este drama, não esperando portanto que me enthusiasmasse, porém estava esperançado que os principaes personagens fossem de molde a fazerem brilhar as qualidades artisticas dos actores que se encarregaram d'elles.

Não succedeu assim infelizmente para o publico e para a arte.

Para o publico, porque não teve ensejo de admirar mais uma vez e em toda a sua plenitude o talento dos nossos principaes actores, e para a arte, pois que esta peça não nos trouxe nem factura brilhante nem campo onde podesse expandir-se o talento e os recursos dos nossos actores, que se o tivessem seriam mais algumas creações a juntar á longa serie que todos temos admirado.

Do desempenho sobresahiu Augusto Rosa que segundo dados historicos reproduziu com felicidade o typo de Henrique III afeminado e supersticioso, não podendo ainda assim o seu trabalho todo de estudo e observação enthusiasmar o publico, pela restricta acção d'este personagem.

João Rosa, infelizmente resente-se muito da grave doença que ainda hoje o apoquento, não podendo ser portanto o seu trabalho esmerado, sendo contudo muito consciencioso.

Os personagens que são o objectivo da peça foram confiados a Brazão e Virginia.

Brazão imprimiu todo o seu grande talento ao personagem Saint Maigrin, mas não conseguiu arrancar-o da penumbra em que o actor o deixou.

Virginia tem algumas scenas superiores, mas o seu trabalho está longe de ser primoroso.

Falco, Antunes e Emilia Lopes, correctamente.

Apresentaram-se pela primeira vez n'este theatro Luiz Pinto, Lagos e Monteiro.

Luiz Pinto é sem duvida uma boa aquisição, desempenhando o papel que lhe coube muito acceitavelmente.

A seu tempo fallarei do que já fez e por hoje só lhe direi que estude e que observe os mestres e nada de vaidades.

O que tenho a dizer a Lagos e Monteiro será n'uma secção especial dedicada aos novos. Os restantes deficientes.

N'este theatro nota-se ultimamente um conjunto desagradabilissimo, devendo-se isto ao pouco cuidado na escolha das partes secundarias e á falta d'alguns artistas que ahi deveriam ter o seu logar, como por exemplo Anna Pereira, actualmente sem escriptura.

Será bom tambem escolher melhor plastica para pagens.

A *mis-en-scène* cuidadissima como sempre, e o guarda-roupa deslumbrante.

Esta peça se não satisfaz as exigencias da arte é contudo digna de ser vista.

RUA DOS CONDES

Ainda se não sabe definitivamente quando abre este theatro, dirigido pela distincta actriz que honra a nossa primeira pagina.

Subirá á scena a *Madame Sans-Gêne*, do celebre escriptor francez, Sardo.

Lucinda Simões pretende fazer renascer o theatro portuguez, começando por fazer actores novos que, se aproveitarem as suas lições, poderão ainda honrar a arte nacional.

O seu theatro será o imperio da arte, o que é facil de prevêr, conhecendo-se o feitio profundamente artistico d'esta notavel actriz.

Desde as portas d'entrada até aos camarins, o theatro foi completamente reformado no sentido do bom gosto e da commodidade.

Esperamos ansiosamente a abertura d'este theatro para felicitar-mos a nossa primeira actriz pelo seu emprehendimento, que por certo será coroado do melhor exito e secundado pela concorrência do publico.

D. AMELIA

Tem continuado n'este theatro a apresentar-nos o seu vasto repertorio o celebre actor italiano E. Novelli, que segundo informações fidedignas é considerado em Italia o primeiro actor nacional.

No artigo *Das varandas* que publicamos n'outro logar, o nosso amigo que se occulta sob o pseudonymo de *Critico das varandas*, falla d'este notavel artista o mais desenvolvidamente, que nos permite o espaço.

GYMNASIO

ALEGRIAS DA PATERNIDADE

A *première* d'esta comedia, traduzida por Schwalbach, subiu á scena no dia 1 do corrente, não conseguindo, ainda que dia santificado, dar uma enchente a este theatro.

Da peça só tenho a dizer que é uma *pochade* no genero de muitas outras que aquelle theatro costuma pôr em scena e que só á força de serem muito disparatadas provocam o riso, sem todavia deixarem uma impressão agradável.

N'este theatro ha artistas de merecimento e recursos, sendo uma das nossas companhias que melhor poderia apresentar no desempenho das suas peças, um conjunto harmonioso.

Contudo não succede assim, ainda que procuram todos afinar pelo mesmo tom: a *berrata*.

Não sei se isto é devido a defeitos dos artistas, se do ensaiador.

Inclino-me a que seja d'este ultimo, pois ha ensaiadores que julgam que o publico é surdo, visto que se não fartam de gritar aos ensaiados: *berrem, parece que não teem guellas*.

Quasi todas as peças representadas n'este theatro, incluindo esta ultima, peccam todas pelo mesmo defeito — a *berraria* constante.

O theatro do Gymnasio tem elementos para poder fazer arte, e por isso aconselho o em-

prezario, não digo a abandonar inteiramente o genero alegre, mas a escolher comedias que reúnem qualidades para alegrar o publico e para os artistas fazerem arte.

Para se conseguir isto é essencial que se abandone a tal *berrata*, por uma dicção clara e apropriada.

N'este theatro não se estuda, só se pensa em fazer caricaturas ridiculas e obter successos com defeitos physicos, salvo uma honrosa excepção — *Carlos Santos*, um novo que se os dotes naturais lhe não permittem ser um actor genial, é com certeza no Gymnasio o unico que procura fazer arte, porque estuda e porque observa com consciencia.

Se o defeito está no ensaiador supprima-se o mal e procure-se quem melhor possa dar conta do seu cargo.

Não seria muito mais agradável vermos representar comedias no genero do *Tio Milhões*, bem desempenhadas, com uma boa dicção, a vermos disparates como as *Alegrias da paternidade*?

Está claro que sim, e d'esta opinião são todos os que amam a arte dramatica e todos os espiritos cultos.

Talvez que o theatro fosse mais concorrido. Tenho-me perdido em considerações e não tratava do desempenho da peça.

Francamente que não sei quem hei de especialisar, talvez o Ignacio, que foi o que esteve mais calado, porque o resto não satisfaz.

Marcellino está deslocado e Cardoso não está á vontade; e os restantes afinando pela escola especial que este theatro adoptou.

Para reaparição de Telmo e Josepha d'Oliveira, fez-se a *reprise* da comedia *Fausto e Margarida*.

Os dois recémchegados foram saudados á entrada com salvas de palmas.

Telmo fez o seu conhecido monologo *A rir a rir*, sendo applaudido.

Enviamos d'aqui as boas vindas aos dois artistas.

TRINDADE

Uma sociedade artistica explora este theatro, dirigida por Pedro Cabral.

Resuscitou-se a comedia *O marido da debutante*, que não agradou pelo pessimo desempenho que lhe deram parte dos artistas a quem foram confiados papeis importantes.

E' já tarde para fallar detalhadamente do desempenho, por isso limitemo-nos a Lucinda do Carmo que se encarregou do personagem capital da peça.

Foi a primeira vez que a vi representar depois que voltou das ilhas, e francamente não me pareceu a mesma artista.

N'esta peça Lucinda não procura ser correcta na interpretação do seu personagem, pois querendo o applauso, vai provocal-o no publico ignorante, pela nota maliciosa e demasiadamente carregada que dá á phrase.

Esta artista tem talento para comprehender que esta maneira de representar não pode agradar senão a ignorantes, e aconselho-a a que volte ao seio da arte, pois no caso contrario pode muito bem perder n'uma noite o que lhe levou annos a alcançar, o applauso sincero dos entendidos.

COIZAS DE THEATRO

e

COIZAS de Theatro

No proximo numero trataremos d'estes dois livros, o primeiro do Sr. SOUZA BASTOS, e o segundo do conhecido critico - Sr. SANTOS GONÇALVES.





E. NOVELLI

Temos a honra de inaugurar com o retrato do soberbo interprete do *Papá Lebonnard*, *Pão alheio* e *Espectros*, a galeria do que ha de mais notavel no theatro estrangeiro.

SARAH BERNHARDT

EM MADRID

Com a maior e a mais selecta das enchenes inaugurou Sarah os seus espectaculos em Madrid.

Representou-se a *Tosca* de V. Sardou, bastante conhecida em Lisboa, onde foi representada pela celebre actriz e por Amelia Vieira, que dá, diga-se em boa verdade, uma interpretação muito distincta ao personagem creado por Sarah.

A sua entrada no palco do theatro da Princeza, foram-lhe dadas algumas palmas, mas pouco a pouco o publico foi-se enthusiasmando com o timbre da sua maravilhosa voz e ao chegar ao 3.º acto a ovação foi extraordinaria e o triumpho obtido por Sarah verdadeiramente phenomenal.

No final da peça o panno subiu dezenas de vezes, pois o publico não se cansava de applaudir a celebre artista.

Os outros artistas são inferiores, mas muito inferiores, a não ser o artista que desempenha o papel de Mario.

O serviço de scena mau.

Tambem por cá, além de outras coisas, vimos na primeira representação do *Nero* uns bancos de palhinha na scena da taberna, que nos arripiaram.

Na segunda recita levou á scena a bem conhecida peça de Dumas, *Dama das Camélias*, o successo não foi inferior ao da *Tosca*, causando verdadeiro enthusiasmo a scena da morte, em que tocou a meta da perfeição artistica.

Este drama repetiu-se dois dias depois.

A terceira apresentação de Sarah foi na *Fedra*.

A grande tragica esteve em todo o decorrer da tragedia á altura do seu grande nome, logrando fazer, por momentos, reviver na scena o mundo grego.

Apesar, porém, de todas as bellezas da execução, a classica obra de Racine não conseguiu emocionar o publico pela pesadez e monotonia das suas tiradas.

Na *Magda*, o publico não se fixou mais, que no trabalho de Sarah, que foi como todos soberbo.

A peça em si não mereceu os elogios dos criticos hespanhoes.

Na *Gismonda* a sublime artista esteve inspiradissima no desempenho do seu difficil papel, causando o maior enthusiasmo no numeroso e distincto auditorio.

O assumpto da peça presta-se maravilhosamente a fazer luzir o excepcional talento de Sarah.

Os fatos são riquissimos, apropriados rigorosamente á epocha. As decorações são as mesmas do theatro Renaissance de Paris, e contribuíram para o bom exito da peça. *Gismonda* repetiu-se segunda e terça feira.

A empresa abriu assignatura para mais tres recitas com a *Magda*, *Femme de Claude* e *Fedra*.

No proximo numero publicaremos o retrato da nossa primeira actriz d'opéreta, ANNA PEREIRA.

Abriu El Español, com a comedia de Rojas — *Entre bobos anda el juego* — assistindo tudo o que de Madrid tem de mais distincto em letras, artes e sciencias.

O talento de Maria Guerrero e o seu enthusiasmo pelo renascimento da arte, alcançou um verdadeiro successo. A reacção que os hespanhoes acabam de vér e applaudir é devido ao estudo e ao bom gosto de Guerrero. Ainda quando na sua carreira artistica não tivesse colhido outros louros, isto bastaria para encher de gloria a notavel comediente.

A peça de Rojas foi posta em scena com tal luxo e propriedade que a critica apenas teve a notar... umas velas e umas castiças que não eram a rigor da epocha.

O detalhe é insignificante, mas serve para demonstrar o cuidado que presidiu á *mise-en-scène*.

DAS VARANDAS

Antes de começar a apresentar as minhas opiniões, devo fazer a apresentação da minha pessoa.

Virgem d'amisades com artistas e virgem d' conhecimentos das intrigas de bastidores a dentro, não posso ter odios nem predilecções que obriguem o critico a forçar o seu modo de pensar, em busca de meios de expressar o contrario do que sente. A sinceridade, dó a quem doer, será a unica Deusa a quem renderei culto.

Com a independencia a que dá direito o ter pago o logar de geral ou varanda em que me sentar, terei a energia de sustentar o fim a que se propõe este periodico. Alencetar tudo o que de bom se fizer pelo theatro portuguez e censurar asperamente tudo o que de mau n'elle se encontrar e infelizmente o mau superabunda.

Vejo o sorriso desdenhoso despontar nos labios da critica indigena, que se pavoneia pelas cadeiras offeredicas pelas empresas theatraes, assestando o monoculo para os camarotes (pois é chic a critica ser myope, d'um só olho) não sei porque ao vel-a repolteada nos fauteuils d'orchestra a dar se *tono*, sinto uma intima satisfação de encontrar-me sentado nas duras bancadas da geral, com a consciencia que não devo favor algum ao emprezario, o que me obri ar a, para lhe ser agradavel, a apregoar com o o palhaço á porta da barraca de feira, (emora contra os dictames da minha consciencia) as excellencias do espectaculo; annunciando ao publico as enchenes sempre reaes e convidando-o a ouvir as celebres coplas do carro do Jacintho, os milhões do millionario, ou qualquer outra d'igual quilate, em que o insigne actor Fulano e a eminente actriz Cirana é extraordinaria. Isto de chamar eximios a todos os artistas indistinctamente, fez ha já annos com que Bordallo Pinheiro fallando do bello trabalho de Virgicia, creio que na Fedra, disse: «A actriz Virginia, permitta-nos que a distingamos, não lhe chamando distincta...»

Fique pois bem assente que eu, o critico das varandas, pertenço a essa grande massa anonyma de publico que vae ao theatro para ver — com olhos de ver — e não para ser visto; a esse publico, que authores e actores respeitam porque não adula nem insensua; a esse publico que Calderon espiava para lhe ouvir a opinião, e que hoje ainda é considerado por escriptores como A. Dumas.

Occorre-me agora uma anedocta que ouvi ha annos, e vou reproduzila:

«Ensaivava-se, não sei que peça do filho do author de Henrique III. No decorrer dos ensaios, Dumas repara que um capacete de bombeiro, que durante os dois primeiros actos se deixava ver entre os bastidores, desaparecia completamente durante o ensaio do terceiro.

«Intrigado, dirige-se ao bombeiro e pergunta-lhe a sua opinião a respeito da peça. O bombeiro interrogado responde singela e francamente que os dois primeiros actos lhe agradavam, o 3.º porém achava-o despedido de interesse e por isso o aproveitava para ir beber a sua golada.

«O author da Dama das Camélias, Femme de Claude e outras, comprehendendo que o bombeiro ali, representava o grosso do publi-

co, vae para casa, perde a noite, e no dia seguinte põe em ensaios um 3.º acto completamente novo e teve a satisfação de ver o capacete do bombeiro agitar-se constantemente em signal de aprovação. A peça representa-se e obtem enorme successo, principalmente o 3.º acto.»

O espaço de que disponho é pequeno e não me proponho agora a fallar da critica que elogia a *tort et à travers* e á qual em grande parte é devida á decadencia do nosso theatro.

* *

Ha annos um distincto escriptor e hoje redactor e critico d'um jornal, escreveu a respeito de Gayarre, se a memoria me é fiel, «que nós os portuguezes tinhamos fama de entendidos no mundo lyrico e que celebridades consideradas europeas eram recebidas em S. Carlos friamente.» e acrescentava: «isto dá-nos foros de entendidos, qual, somos mais desconfiados, e não acreditamos que celebridades authenticas nos visitem.»

Hoje succede exactamente o contrario. Visitou-nos ha tempos Vico, e a critica em coro chamou-lhe o primeiro actor da Europa. Hoje é Novelli que attinge a meta da perfeição.

Vico é incontestavelmente um grande actor e em peças como «Loucura ou Santidade» é difficil excedel-o. Tem porém defeitos e nem em todas as peças é completo.

Novelli, no «Pere Lebonnard» é extraordinario e confesso nunca vi representar melhor. N'este drama empolgou a critica que ficou embasbacada e d'ahi a julga-o impecavel.

«O pão alheio», os «Espectros», «Fera domesticada», são trabalhos completos e de molde a merecerem os encomios da critica. «Luiz XI» é tambem um trabalho conscienciosissim.

No «Nero» porém encontrei-o nos primeiros actos muito preocupado com a naturalidade que se não coaduna com aquelle genero de peças. Todo o 5.º acto é magistralmente feito e a scena do suicidio é d'aquellas de pôr os cabelos de pé, e os bravos com que o victoriam foram realmente bem merecidos.

Vamos agora ao «Kean».

Não estamos tão ricos de bons actores, que ponhamos injustamente de parte aquelles que como Brazão conquistaram á força de trabalho e estudo um logar proeminente que lhe dá o direito a ser considerado ao lado dos primeiros actores nacionaes e estrangeiros.

«Kean» é uma das melhores corças de gloria de Brazão, senão a melhor.

Que Novelli desempenhe o personagem notavelmente, d'accordo. Que seja porém a interpretação dada pelo notavel actor italiano, a melhor, a verdadeira, isso é que é contestavel.

Interpretando Novelli com toda a correccção o papel de «Kean» o que é verdade é que não faz de forma alguma esquecer a brilhante interpretação que Brazão lhe deu.

Brazão agrada-me muito mais no 1.º acto e não concordo que a pouca distincção com que Novelli se apresenta seja levada á conta, de «Kean» ter sido, antes de ser o celebre actor, um saltimbanco.

Então um actor que para desempenhar conscienciosamente os seus papeis vae estudar nos hospitaes e nos manicómos, não havia de ter estudado as maneiras de se apresentar na sociedade? N'esse caso quando se apresentasse n'um papel de *gentleman*, seria necessariamente *gauche*, e por consequencia não poderia ter criado um nome de actor celebre.

No 2.º acto na scena com Miss Anna Derby, é admiravel de naturalidade, mas desejava vel-o com mais calor na descrição da vida accidentada do actor; tambem não me agrada a familiaridade com que recebe essa dama d'uma esphera muito mais elevada, e que elle respeita.

No 3.º acto no encontro com Miss Anna e em que ella lhe falla com enthusiasmo do actor tão admirado, declarando-lhe por assim dizer, o seu amor, Novelli conservou-se frio escutando mal toda esta scena.

No final d'esse acto quando «Kean» estigmatiza o procedimento do *lord*, quizera então vel-o mais saltimbanco, pois ali é que estava o arlequin e não o actor celebre, o companheiro do Principe de Galles.

Agradou-me extraordinariamente a ultima scena do 4.º acto; foi feita magistralmente e a merecer os bravos dos entendidos e profanos.

N'este acto porem desceu o panno sem uma palma!

Ao monologo «Ser ou não ser» deu-lhe uma feição nova agradando a uns, a outros não.

Gostei, confesso-o lealmente, mas na transição para bobo pareceu-me por demais ridiculo desmanchando todo o effeito da scena que não deixa impressão no publico.

Se Novelli aqui tivesse transigido um pouco com as suas intenções de actor naturalista, teria tirado muito maior partido d'esta scena obrigando o publico a applaudir-o francamente como acontecia a Rossi no final d'este acto.

Sou o mais fervoroso adepto dos modernos processos de representar, desejaria ver no theatro só naturalidade nos artistas e boa dicção.

Entendo, porém, que o actor moderno, ou tem de banir do seu repertorio as peças antigas, ou de transigir com a nova escola e representar a tragedia com a declamação elevada que lhe compete.

Mot de la fin.

Ouvido a dois espectadores da geral na primeira noite do «Kean»:

Muito bem, superior ao Brazão!

...Mas tu nunca viste o Brazão.

Lá isso também é verdade.

CRITICO DAS VARANDAS.



N'esta secção passaremos em revista o que foi no theatro na epocha de 1894 a 95, analysando os elementos principaes com que contavam as companhias portuguezas que funcionaram nos diversos theatros, quaes os seus melhores trabalhos, finalizando por escolhermos entre todos, qual o papel e qual a peça mais bem desempenhada.

Deviamos principiar por D. Maria, mas o espaço que esta companhia requer, não nos permite, devido á abundancia de original, tratar hoje d'este theatro, o que fica para o proximo numero.

Tratemos da companhia da Rua dos Condes, que, segundo o valor dos artistas que a compunham, tem o primeiro lugar depois do normal.

Faziam parte d'esta companhia Anna Pereira, Amelia Vieira e Lucinda do Carmo, com o primeiras atrizes.

E como principaes actores Posser e Soller. Este theatro levou á scena *O marido e amante*, *Marechala*, *Asmodeu*, *Capião Carlota*, *Ignês de Castro*, *Tosca*, *Miniatura* e *Paraíso conquistado*.

Todas estas peças foram postas em scena com certa propriedade, *mis-en-scène* cuidada e um conjunto por vezes muito harmonioso.

Para abertura da epocha subiu á scena o drama *Marido e amante*, que deu lugar a um debut bastante promettedor, o de Luiz Pinto.

Anna Pereira era sem contestação a figura mais brilhante da companhia, que intriga mesquinhas haviam afastado do seu theatro — a Trindade.

Ahi o seu talento tinha fulgurado em innumeras creações que lhe deram jús a ser considerada a nossa primeira actriz d'opereta.

Se não fosse sufficiente a enorme reputação de que vinha precedida, bastar-lhe-hia o grande successo alcançado no seu debut com a *Marechala*, para ser considerada a artista de mais valor d'esta companhia.

O seu extraordinario trabalho n'esta peça, excedeu a expectativa de todos que ainda es-

peravam muito do seu maleavel talento, revelando-se a distincta actriz de comedia que eu já tinha descortinado aravez as fixões da operetta.

A seguir, Amelia Vieira, tambem uma artista distincta, mas cultivando uma escola antiga de declamação que vaee perdendo o seu terreno no estado actual do espirito moderno.

Depois, Lucinda do Carmo, uma esmerada actriz de comedia, uma das poucas que sabem dizer, qualidade muito apreciada modernamente.

Soller, pelos seus triumphos alcançados em outras epochas, occupava o primeiro lugar entre os actores.

Digo n'outras epochas, pois embora Soller empregue toda a sua boa vontade no desempenho dos seus personagens, vê-se que está cansado e alquebrado já pela doença e já porque a mocidade não dura sempre.

Apesar d'isto ainda se vê que é um actor correcto e consciencioso.

Posser além de ser um actor muito correcto é tambem um distincto ensaiador, por isso cabe-lhe muito justamente um dos primeiros lugares.

D'esta companhia o personagem que satisfaz completamente ás exigencias da arte é a

MARECHALA

desempenhada pela inegalavel actriz Anna Pereira.

Das peças representadas por esta companhia, quer pelo magistral desempenho do papel principal, quer pelo conjunto harmonioso e quasi completo para o que concorreram todos os artistas, fica escolhido o *vaudeville* a

MARECHALA



Tive occasião de apreciar pela primeira vez na cidade do Porto o notavel actor Novelli, e confesso, embora a minha rude franqueza desagrade, senti, mau grado meu, não esse culto que devemos professar por talentos superiores como o de Novelli, mas sim fermentar me no coração a bilis da indignação.

E' que sou, primeiro que tudo, um patriota, e que sou um sincero admirador e serci sempre um incansavel defensor d'aquelles que procuram elevar a nossa patria.

Por isso me irritei quando no fim da primeira recita vi o publico que assistia ao espectáculo, já suggestionado pelo artista, dizer: nunca vi representar assim.

Esquecer tão depressa que entre nós onde não ha escolas, onde tudo que se aprende se deve mais ao talento de cada um, que aos meios de que se dispõe, pois esses nenhuns são, esquecer que existem artistas tão notaveis como Novelli, é demasiada ingratidão.

Esquecer essa pleiade d'artistas dotados de exceptionaes qualidades de talento para a arte de representar, que passaram successivamente pelo palco do normal, esquecer, repito, todos esses artistas que qualquer paiz, por mais adeantado que esteja, se orgulharia de lhes chamar filhos, é mais que ingratidão, é muita e muita ignorancia.

Mas ainda não é tudo. Sahi do theatro, irritado, como acima digo, porém ainda com uma esperanza: a lealdade das apreciações da imprensa.

Foi com febril aneio que percorri no dia seguinte todos os jornaes d'essa cidade, e ainda não tinha acabado de ler o primeiro que me veio ás mãos, já sentia a indignação apoderar-se de mim.

Repetiam em côro: nunca vimos representar assim.

Já não era só a opinião do publico sempre demasiadamente voluvel, era tambem a da imprensa, essa instituição que mais dever tem de defender aquillo que é nosso e que é tão notavel como o estrangeiro.

Não o entendi assim a maior parte dos nossos criticos; tratando-se d'um estrangeiro tudo quanto se diz é pouco, embora compatriotas percam com essa opinião.

Se lisongeia tanto parecer-se mais do que se é!

Mas por Deus, depois do que a imprensa disse, que idêa fará Novelli dos nossos actores se não se der ao incommodo de os ir ver representar?

Attendam n'isto e sejam para outra vez mais coherentes.

Aqui em Lisboa tambem ha quem seja da opinião dos portuguezes.

Então entre nós nunca se viu representar assim?

Se quando vemos Lucinda Simões observassemos todo o seu jogo de physionomia, a maneira por que escuta, a naturalidade dos seus movimentos, a pouca preocupação com o publico, então veriamos que artistas portuguezes já têm representado com a mesma naturalidade que Novelli.

O Casamento d'Olympia é uma prova bem segura do que assevero; como todas as scenas são bem observadas, especialmente a ultima com o sogro.

E o *Demi-monde*, a maior corôa de gloria de Lucinda Simões, não será a demonstração cabal de que entre nós ha artistas que têm representado pelas formas da escola realista.

E Brazão é inferior a Novelli?

Não é tambem um actor generico? Já se não recordam da maneira como interpreta o *Hamlet*, a *Leonor Telles*, o *Marquez de Villemer* e como solta para o genero comico, o *Bibliothecario*.

E João e Augusto Rosa não são notaveis pela sua dicção correctora? Mas são portuguezes, eis o maior defeito d'elles.

Não pretendo com isto negar talento a Novelli, porque o tem e é incontestavelmente um grande actor.

E' soberba a maneira por que interpreta o *Papá Lebonnard* e o *Pão alheio*, as peças, que, a meu ver, estão mais no seu feitio artistico.

Enthusiasma-me a maneira por que Novelli estuda os pequenos detalhes dos seus personagens, a vida e a realidade que lhes imprime, mas Novelli apesar de ser um actor exímio, não veio, como alguem já tem dito, ensinar os nossos artistas mais notaveis, vem talvez educar o publico, mostrando-lhe como se representa em paizes mais adeantados que o nosso e obrigando o a observar que no nosso theatro normal, se não fosse ás vezes um conjunto desharmonioso, se representa tão bem como no estrangeiro.

Muito temos que agradecer a Novelli a sua visita, pois tem-nos dado realmente noites de verdadeiro entusiasmo, pelo desempenho superior da maior parte das peças do seu repertorio, mas é bom não esquecer os nossos.



OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILLUSTRADO

COLLABORADOR ARTISTICO

JULIO ALVES

REDACTOR-GERENTE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros..... 200 réis
Avulso..... 20 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.

A todas as pessoas que enviamos este jornal, pedimos a fineza da sua assignatura, e no caso contrario de nol-o devolver.

Todos os assumptos relativos a este jornal são tratados com o redactor-gerente, na sua residencia, travessa de André Valente, 13.

Editor — Henrique Pinto do Amaral